

Sarney se descuida da imagem

ESTADO DE SÃO PAULO

1 MAR 1987

"Não estou preocupado em me tornar carismático ou um grande líder." Esta frase, dita, dias atrás, pelo presidente José Sarney, é um indicador do estado de espírito com que ele chegou a praticamente pelo caminho de seu mandato e com o prestígio abalado por conta dos sucessivos reveses nos programas de estabilização da economia. Sarney reconhece a perda paulatina da popularidade e deixa o assunto ao saber dos ventos, sem uma articulação perfeita com os meios de comunicação social.

Este estado de espírito contrasta com os momentos iniciais de seu governo, quando Sarney teve de cuidar pessoalmente da sua imagem para fustigar o perfil de insegurança que o perseguia desde a morte do presidente eleito Tancredo Neves. Naquele período, quando falou pela primeira vez à Nação, através de uma cadeia nacional de rádio e televisão, o presidente contou com a assessoria de vários especialistas em comunicação de massa, afinados com seu porta-voz, Fernando César Mesquita, e o resultado foi positivo. Sarney lançou o programa de seu governo e colheu pontos nas pesquisas de opinião.

No entanto, a confiança do presidente esbarrou no próprio porta-voz, que abandonou o barco quando percebeu os primeiros sinais de naufrágio do Plano Cruzado, em novembro passado. Depois de trocar algumas farpas com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, chamado por ele de "messiânico", Mesquita concluiu que o governo estava completamente desaparelhado para explicar à opinião pública as medidas adotadas por ocasião do Plano Cruzado II.

Para o seu lugar, foi designado o jornalista Antônio Frota Neto, especialista em assuntos econômicos, enquanto o próprio Sarney, mais uma vez, tentava reassumir o controle da situação. Criou a Secretaria Especial de Comunicação da Administração Federal (Secap), para a qual nomeou o jornalista Getúlio Bittencourt, com quem travara amizade por conta de um mapa astral de sua personalidade, e efetivou Frota Neto na Secretaria de Imprensa do Palácio.

"Quem cuida da imagem do presidente Sarney é o Getúlio", esquivase o porta-voz, delimitando o campo de ação de cada um dos responsáveis pela política de comunicação do governo.

A linha divisória não impede que Bittencourt forneça informações à imprensa, mas somente pode aparecer nos noticiários Frota Neto, que por sua vez prefere não ser chamado de porta-voz. "Eu sou secretário de Imprensa, a serviço do presidente", comenta Frota. E foi a um seminário organizado pela Secaf dizer que preferia passar 30% de seu tempo decidindo e 70% explicando à sociedade. Por mais que defendesse a tese da "transparência da ação de governo" o próprio seminário — realizado a poucos metros do complexo de salas onde funciona o Conselho de Segurança Nacional — foi vedado a jornalistas que não trabalhassem em empresas oficiais. Ele teve como objetivo alertar os colaboradores de comunicação do governo para a necessidade de uma ação articulada, mas gastou-se mais em retórica do que com planos objetivos.

Tanto assim que o presidente teve que amargar mais um contratempo quando precisou anunciar a suspensão do pagamento da dívida externa. Desarticuladas, as Secretarias de Imprensa e de Comunicação da Administração Federal perderam o controle do que estava acontecendo e deixaram o ministro da Saúde, Roberto Santos — o menos indicado para a tarefa — sair da reunião do Conselho de Segurança para explicar a dezenas de jornalistas o que se estava querendo com a medida.

Cansados de uma espera de mais de quatro horas, os jornalistas esperavam que o ministro Funaro falasse, ou, no mínimo, o secretário executivo do Conselho, general Rubens Bayma Denys. Frota Neto declarou-se impotente e deixou para o próprio Sarney o encargo de justificar a moratória na televisão.

"Sarney está se tornando imprevisível", argumentou um seu assessor, reconhecendo as dificuldades para o governo voltar a gozar de um alto prestígio. Se não conseguir, corre o risco de a Assembléia Nacional Constituinte sentir-se à vontade para reduzir o seu mandato.